

Um- milagre para Milagros

Apenas uma criança sobrevivera àquela rara doença. Este médico conseguiria salvar outra? **POR DAN LEVINE**

BEM ALTO, nos Andes peruanos, num vilarejo remoto na província de Huancayo, uma jovem estava dando à luz numa pequena clínica. O parto não ia bem. Depois de 11 horas de agonia, a primeira filha de Sara Arauco, 19 anos, finalmente começou a nascer. Mas, em vez dos murmúrios de alívio da equipe médica, um silêncio envolveu o ambiente. “Meu Deus!

O que foi que aconteceu?”, perguntou uma das enfermeiras. Ninguém conseguia falar. O bebê foi tirado às pressas de dentro da sala para que Sara não pudesse vê-lo.

Naquela noite, a 400 quilômetros de distância, em Lima, o Dr. Luis Rubio, cirurgião plástico que dirigia o Solidariedade, um hospital municipal para os pobres, caminhava para casa quando o celular tocou. Era o prefeito da capital, Luis Castañeda Lossio.

MUNICIPALIDAD
DE LIMA



“Você viu o noticiário?”, perguntou ele. Um jovem pai, Ricardo Cerrón, 24 anos, de Huancayo, estava na TV pedindo ajuda para a filha recém-nascida. Ele não tinha dinheiro, e, sem os cuidados médicos necessários, o bebê certamente morreria. “Existe alguma coisa que possamos fazer por ela?”, Castañeda quis saber de Rubio.

Rubio imediatamente despachou para Huancayo uma ambulância com dois médicos e instruções para trazer a criança e os pais para Lima.

No dia seguinte, quando a viu no berço, Rubio mal pôde acreditar. As pernas da menina eram unidas da cintura para baixo, e os pés, abertos em V, como o rabo bifurcado de um peixe. Na verdade, a imprensa apelidou a recém-nascida de La Sirenita (A Pequena Sereia).

Quando Rubio pegou no colo o minúsculo bebê, que pesava pouco mais de dois quilos, ela começou a chorar e ergueu bem alto no ar as perninhas fundidas. *O que é que eu vou fazer?*, perguntou-se Rubio, incrédulo, olhando a menina de cabelos negros. *Como é que ela vai sobreviver?*

O cirurgião apalpou os membros inferiores do bebê, para verificar o estado de ossos, músculos e tecidos. A filha de Sara e Ricardo tinha uma malformação congênita rara conhecida como sirenómelia, causada pela falta de suprimento sanguíneo nos membros inferiores do feto enquanto cresce no útero.

Rubio já havia lido sobre a doença, mas jamais imaginara confrontar-se com ela um dia. As perspectivas eram

as mais desoladoras: dos bebês que sofriam de sirenómelia, a maior parte também tinha algum distúrbio dos rins e da bexiga, e morria antes do nascimento ou dias depois. Rubio ouvira falar de apenas outra criança com a doença que sobrevivera à cirurgia de separação das pernas.

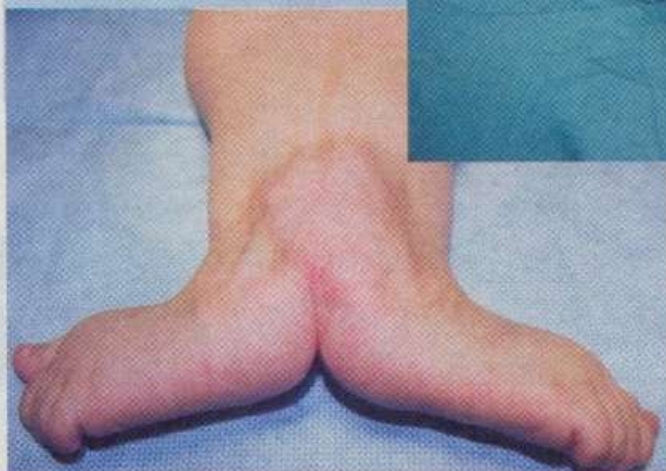
Enquanto a examinava, o cirurgião sabia que, em primeiro lugar, precisava descobrir tudo o que pudesse a respeito da estrutura que se encontrava debaixo da “cauda”. Até que ponto eram os ossos e tecidos conjuntivos de fato completos? E quanto a nervos, tendões e músculos? E o que dizer da circulação sanguínea? Depois de saber com o que estava lidando, poderia formular um plano para manter o bebê vivo, separar-lhe as pernas e, talvez, permitir que um dia viesse a andar.

Ele pediu uma tomografia computadorizada e, apreensivo, examinou as imagens. Se os ossos das pernas, ou mesmo só os dos tornozelos, fossem fundidos, a operação para separá-los seria bem mais complicada, ou até impossível.

Mas havia alguns sinais encorajadores: o bebê tinha os ossos das pernas separados e íntegros, conectados por um emaranhado de tecidos e ligamentos. O exame também revelou que possuía um único rim em funcionamento, apenas parcialmente formado, além de vários problemas com outros órgãos.

Enquanto Rubio estabelecia um plano de ação, telefonou para o Dr. Mutaz B. Habal, cirurgião plástico de Tampa, na Flórida, que havia tido sucesso em separar as pernas da até então

(Abaixo) Por causa da anormalidade, a imprensa chamou Milagros de A Pequena Sereia; (à direita) a delicada tarefa de separar as pernas da menina levou mais de quatro horas.



única sobrevivente de sirenomelia de que se tinha notícia, hoje com 16 anos.

Os dois médicos concordaram que Rubio teria de adiar a operação até que a menina estivesse mais forte. Rubio então chamou Ricardo e Sara para conversar. Faria a cirurgia dali a quatro meses. E, a fim de não dar a eles falsas esperanças, acrescentou cauteloso: “Temo que as chances dela não sejam muito boas.” Quando a garotinha estava com 2 meses, Ricardo e Sara lhe deram o nome de Milagros. “Para nós, era um milagre o simples fato de nossa filha estar viva”, disse Sara.

AOS 4 MESES, Milagros estava fisicamente preparada para a cirurgia, mas a síndrome a deixava propensa a infecções recorrentes, o que atrasou vá-

rias vezes a operação. Sara e Ricardo viviam torturados pela incerteza.

Enquanto isso, a alegria de Milagros conquistava o coração dos que a conheciam. Era impossível resistir aos seus encantos. A imprensa continuava fascinada com a história de La Sirenita, e os progressos da menina eram ansiosamente acompanhados em todo o país.

Antes que a separação pudesse ter início, os médicos precisavam se certificar de que havia pele suficiente para cobrir os cortes. Quando Milagros tinha 10 meses, o Dr. Rolando Pinto, um dos assistentes de Rubio, inseriu bolsas de silicone debaixo da pele das pernas da menina. Essas bolsas deveriam ser enchidas, gradativamente, com uma solução salina, para esticar a pele. O procedimento, no entanto, provocou ulcerações, que exigiram tratamento numa câmara hiperbárica. Após três meses, o estado de saúde de Milagros se estabilizou. Rubio sabia que, se não operasse naquele momento, talvez não tivesse outra oportunidade.

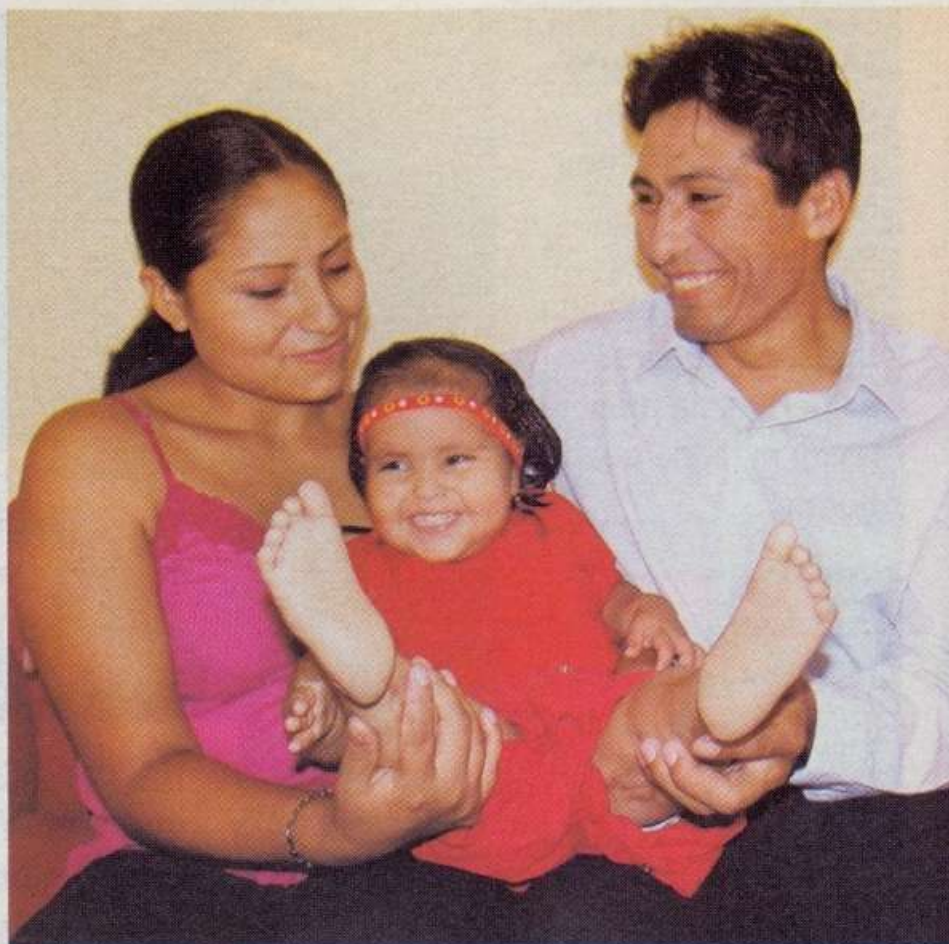
A equipe médica precisava avaliar as artérias e veias das pernas de Milagros. Se houvesse qualquer problema, operá-las seria inútil – elas não funcionariam separadas.

O Dr. Manuel Adrianzén, 44 anos, cirurgião pediátrico cardiovascular da equipe do Dr. Rubio, injetou um pigmento na artéria femoral da paciente. Ele ficou observando através de um monitor enquanto o pigmento fluía pelo corpo da menina.

Adrianzén não gostou do que viu. Em vez de circular livre pela artéria femoral em cada perna, o sangue fluía unicamente pela esquerda e depois era levado até a direita por três pequenas artérias anormais que conectavam as pernas abaixo dos joelhos. Se a perna direita dependesse dessas três artérias para o sangue fluir, separá-la da esquerda seria impossível, e eles teriam de amputar o membro direito.

Adrianzén tinha uma esperança: o cateter usado para injetar o pigmento havia sido inserido do lado direito, e talvez tivesse bloqueado o fluxo do sangue para a artéria da perna direita.

A equipe médica decidiu ir em frente. No dia 31 de maio de 2005, Milagros, então com 1 ano e 1 mês, foi levada por Rubio para a sala de cirurgia. Era uma distância de apenas 50 metros, mas que lhe pareceu a mais longa caminhada da vida. A menina se-



Milagros, aqui com os pais, Sara e Ricardo, conquistou o país com seu jeitinho risonho.

gurou o seu polegar com força durante o percurso. “Tive a sensação de que ela falava comigo”, conta ele.

Sara e Ricardo assistiram à cirurgia por um circuito fechado de TV, numa área de espera na saída da sala de operação. “Meu Deus, ajude-me e ajude à minha filha para que tudo corra bem”, rezava Sara. Ricardo cobria os olhos com as mãos e chorava.

Enquanto os onze médicos e uma equipe de enfermeiras cercavam o corpinho de Milagros, o cirurgião cardiovascular Manuel Adrianzén fez uma incisão de 15 centímetros um pouco abaixo dos joelhos, para localizar as três pequenas artérias. Com a pele e

os tecidos cortados e puxados para trás, as artérias ficaram expostas.

Um pequeno sensor estava preso ao dedão do pé direito de Milagros, para medir o nível de oxigênio. Se o fluxo de sangue para a perna direita fosse dependente dessas três artérias, o nível de oxigênio no sangue naquela perna cairia quando elas fossem comprimidas.

Uma enfermeira entregou a Adrianzén o primeiro dos seis cliques que ele utilizaria para comprimir as artérias. Ele comprimiu a primeira, e logo a segunda e a terceira. Foram necessários cinco agonizantes minutos para conseguir fazer uma leitura precisa.

Adrianzén deu um passo atrás e observou o monitor que exibia o nível de oxigênio no sangue. Por fim, ele sorriu por baixo da máscara cirúrgica. “Está tudo normal. Podem continuar.”

Erguendo os pés em V diretamente para cima, o Dr. Rolando levantou a parte inferior do corpo da menina, de modo que a parte traseira dos calcanhares ficasse exposta. Rubio então usou o bisturi para cortar a pele entre eles. O sangue jorrou e foi logo estancado com gaze. As beiradas da pele foram presas para trás, a fim de expor o tecido vermelho que unia as pernas.

A cirurgia exigiu toda a habilidade de Rubio e seus colegas. Nervos, tendões, ligamentos e vasos sanguíneos foram cuidadosamente separados. Camada após camada de tecido foi cortada e

cauterizada para impedir sangramentos. A pele sobressalente, tão cuidadosamente cultivada por cima das bolsas de silicone, foi então separada, puxada por cima da parte interna da coxa, em carne viva, e costurada.

Quatro horas e meia após o início da cirurgia, Rubio foi até a sala de espera e abraçou Sara e Ricardo. “Tudo correu bem”, tranquilizou-os.

No dia seguinte, Milagros estava esparta e se alimentando. Quando Rubio foi até a sua cabeceira, ela o olhou e sorriu. Então, com voz baixa e muito aguda, disse apenas: “Doutor!”

TRÊS MESES DEPOIS, por causa de complicações com a cicatrização, as coxas de Milagros voltaram a se unir. Em setembro do ano passado, Rubio fez outra cirurgia para separá-las.

Menos de um mês depois, numa sala do hospital principal da rede Solidariedade, apinhada de fotógrafos, jornalistas e funcionários, Sara se agachou no chão com a filha entre as pernas, Rubio se abaixou a alguns metros de distância e disse: “Mili, venha aqui.” A menininha, mal segurando o dedo de uma enfermeira, caminhou até ele, exultante e gargalhando de felicidade.

Rubio jogou uma bola em sua direção, e ela a chutou sem hesitar. “Outro gol!”, exclamou Rubio, antes de pegá-la, erguê-la acima da cabeça e lhe dar um beijo estalado na bochecha.

PENSANDO BEM...

Eu achava que era indeciso, mas agora não estou tão certo disso.

MILTON JOECI DOS SANTOS, Tramandaí (RS)